

Caixão é recebido com palmas e lágrimas

Brasília — O salão nobre do Palácio do Planalto estava como manda o cerimonial: ministros perfilados de um lado, governadores do outro, a família à esquerda do tablado de veludo vermelho, e os outros poderes da Nova República à direita. Um silêncio só quebrado pelos tiros de canhão. Mas todos acabaram imitando o povo e receberam Tancredo Neves como se vivo ele estivesse: foram 60 segundos de palmas e lágrimas.

Pouca coisa foi acrescentada aos 1200 metros quadrados do salão nobre, para o primeiro velório de sua história: dois grandes candelabros e um Cristo crucificado trazidos do Museu de Arte Sacra de São Paulo, 50 cadeiras de madeira trabalhada, quatro castiçais, 168 velas e um painel de madeira. O resto era o mármore a as formas que celebrizaram Oscar Niemeyer.

Espera

Desde as primeiras horas da manhã, 15 funcionários da zeladoria do palácio trabalharam na preparação do velório, enquanto outra turma reservava uma das salas para a família de Tancredo Neves. Antes do meio-dia, o cerimonial já havia determinado, através de cartões colados no chão ou no assento das cadeiras, o lugar que seria ocupado por cada autoridade.

Tancredo já estava voando para Brasília quando chegaram 90 cadetes do Exército, Marinha e Aeronáutica. Dois de cada arma se revezariam a cada meia hora, junto ao caixão. Um deles confessou que se sentia privilegiado de participar, tão de perto, "de um grande momento da história política brasileira".

Os testes de som, o ajuste das câmeras de televisão, a afinação dos instrumentos da Orquestra de Música de Brasília, a instalação dos cordões de isolamento, a guarda de honra dos Dragões da Independência, a bandeira brasileira a meio-pau, tudo estava pronto por volta das 14h. Mas o caixão estava longe de chegar. O povo emocionado nas ruas era responsável pelo atraso de quase três horas.

Entre os que tiveram o privilégio de entrar, um retrato do Brasil de Tancredo: empresários como Abílio Diniz e Luís Eulálio de Bueno Vidigal; comunistas como Giocondo Dias e Aldo Arantes; malufistas como o Deputado Sebastião Curió (ex-PDS, atualmente no PFL); ex-ministros do Governo Figueiredo, como César Cals; adversários como o Senador Moacyr Dalla; personalidades como D Sara Kubitschek e a cantora Fafá de Belém; generais-de-exército esbarrando em adversários como o Deputado João Cunha (PMDB-SP); o deputado das Diretas-Já, Dante de Oliveira, e toda a bancada federal do PT, incluindo os que não votaram em Tancredo no Colégio Eleitoral.

Com o atraso, o ambiente começou a parecer um coquetel, embora nas salas mais reservadas ocorressem cenas de emoção, como o encontro entre os Ministros Francisco Dornelles e Pedro Simon. Foi um abraço demorado, que fez Dornelles chegar às lágrimas.

Faixa

Às 17h30min, tudo mudou: holofotes foram acesos, cortinas foram abertas e a guarda de honra começou a entrar em ação. Enquanto cada convidado buscava seu local, o Presidente José Sarney, D Marly e D Risoleta foram para o topo da rampa do palácio. O caixão estava chegando.

Passada a divisória, uma salva de palmas ritmada eclodiu. Ministros, governadores, parentes e jornalistas alternavam as palmas com tentativas de conter o choro. O colar da Ordem do Mérito Nacional foi colocado aos pés do caixão.

Dom José Freire Falcão, Arcebispo de Brasília, deu início às orações (epístola de São Paulo aos coríntios e Evangelho de São João), entremeadas de cânticos executados pelo madrigal da Escola de Música de Brasília.

Terminada a parte religiosa, às 18h20min, o neto Aécio Neves Cunha foi encarregado de retirar a tampa de madeira do visor do caixão. O rosto de Tancredo apareceu, mas continuou distante. O vidro estava embaçado. Em seu peito, no entanto, era visível a faixa presidencial, verde e amarela.

Por volta de 20h30min, Aécio, que via do mezanino o desfile de populares diante do caixão do Presidente, pediu que fosse tomada alguma medida, para permitir que o rosto de Tancredo fosse visto.

"A alegria de Tancredo sempre foi esse povão aí. Não é justo que não possam ver direito o Presidente", comentou Aécio. Imediatamente, funcionários do Planalto foram à carpintaria e construíram um pequeno suporte de madeira, que permitiu aos populares ficarem numa posição mais alta em relação ao caixão. Milhares de pessoas, em fila que se estendia pela Praça dos Três Poderes, puderam, então, se despedir de Tancredo.